

ESTA AMENAZA EN REALIDAD SE HA EXTENDIDO POR TODAS PARTES: REPRESENTAÇÕES DO ANTICOMUNISMO CATÓLICO NAS IMPRENSAS DE PORTO ALEGRE E BUENOS AIRES.

Bett y lanko.

Cita:

Bett y lanko (2013). *ESTA AMENAZA EN REALIDAD SE HA EXTENDIDO POR TODAS PARTES: REPRESENTAÇÕES DO ANTICOMUNISMO CATÓLICO NAS IMPRENSAS DE PORTO ALEGRE E BUENOS AIRES*. XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-010/539>

***ESTA AMENAZA EN REALIDAD SE HA EXTENDIDO POR TODAS PARTES:
REPRESENTAÇÕES DO ANTICOMUNISMO CATÓLICO NAS IMPRENSAS
DE PORTO ALEGRE E BUENOS AIRES***

**Ianko Bett
Doutorando PPGHPUCRS
ibett@bol.com.br**

RESUMO

O contexto anterior às deposições dos presidentes civis João Goulart, no Brasil (1964) e de Arturo Illia (1966), na Argentina foram marcados por uma intensa campanha de desestabilização governamental que atingiu os mais diversos setores das respectivas sociedades. As grandes imprensas de Buenos Aires (jornais Clarín, La Razón, La Nación) e de Porto Alegre (jornais Diário de Notícias e Correio do Povo) privilegiaram, dentro de um arcabouço mais amplo de elementos, a manifestação anticomunista católica, que consistiu numa das principais facetas que compuseram o poderoso leque do pensamento conservador daqueles anos marcados por profundas agitações políticas e sociais. As duas instituições focos dessa investigação (Igreja e Imprensa) foram fundamentais na construção de uma realidade na qual o “perigo comunista” fosse percebido como cada vez mais presente e atuante na ordem do dia do cenário político e social dos dois países. Dentro deste escopo, o artigo tem como objetivo principal identificar e analisar as representações anticomunistas que foram dadas a ler a partir das manifestações católicas nos jornais supracitados. Por um lado, o artigo pretende demonstrar, através das representações, a forma como o comunismo foi apropriado pelos católicos e como estes impuseram caracterizações do que era ser um *comunista*, especialmente quais os perigos que representavam. Por outro lado, buscar-se-á identificar, também a partir das representações, a forma como os discursos dos católicos caracterizaram como deveria ser e agir um *anticomunista*, ou seja, quais atributos ou práticas deveriam ser possuídos para opor e qual a melhor forma de combater os inimigos.

1- Introdução

Uma das questões mais recorrentes acerca do “problema comunista”, aquilo que parece ter tirado o sono de muitos católicos no contexto da década de 1960, se deu em função da sua “infiltração” ou da sua “penetração”, na sociedade em geral, mas também, em determinados setores desta, como os trabalhadores, estudantes e, inclusive, nos próprios setores ligados ao catolicismo. Diversas foram as oportunidades em que os católicos ou a imprensa que destes se apropriou¹, colocaram, nos textos jornalísticos, o tema da “infiltração comunista” como aspecto central de seus discursos. Quer dizer, houve grande preocupação por parte dos autores dos discursos em denunciar o “como” da infiltração, divulgar os setores mais propícios, pensar e apresentar quais as armas mais efetivas para lutar contra a infiltração, enfim, pode-se dizer que os discursos católicos, tanto da imprensa de Porto Alegre quanto a de Buenos Aires², construíram uma realidade na qual o perigo da infiltração comunista era iminente, e por isso, deveria ser combatida. Algumas vezes, e isto deve ser colocado, os católicos denunciaram que o perigo já não era mais de “infiltração”, justamente pelo fato do inimigo já ter se infiltrado, conforme o discurso de D. Antônio Caggiano³ arcebispo de Buenos Aires à época: “frente a un enemigo que acecha en medio de nuestro pueblo, el momento oportuno para quebrar nuestra unidad y sustituir nuestras instituciones libres con un totalitarismo inhumano, la unión de nuestras fuerzas armadas es sagrada” (LN, 30 maio 63, p. 14. El arzobispo pide que se rece por la patria: en una pastoral, el cardenal Caggiano se refiere a la necesidad de alcanzar la pacificación nacional). De outra parte, a temática da infiltração, por diversas vezes, foi divulgada com ênfase na sua ampla conquista, como se a ameaça tivesse que ser consentida por todos, como se a ameaça comunista estivesse em todos os lugares, quase como a onipresença do Deus católico. Foi, então, deste modo que Paulo VI, em uma de suas primeiras aparições na imprensa, logo após ter sido nomeado Papa, manifestou seu pensamento acerca do comunismo:

[...] esta amenaza en realidad se ha extendido por todas partes [...] preocupa todas las clases sociales, afecta a todas las formas de actividad. Se podría pensar que esto constituyó un fenómeno pasajero de los años de la posguerra, que la paz, el orden público y la prosperidad recuperada podrían haber dado lugar a retroceder y desaparecer. Pero no ha sido así [...]. (LN 22 jun. 63, p.

¹ Ver Bett (2010, 2011a)

² De agora em diante Correio do Povo (CP), Diário de Notícias (DN), Clarín (CL), La Nación (LN) e La Razón (LR)

³ Antônio Caggiano foi arcebispo da Argentina no período de 1959 a 1975, sendo uma figura de intensa participação nas jornadas políticas da argentina neste interregno. Além disso, cabe destacar que acumulou com as suas atividades de Arcebispo Primado, a função de Vigário Geral das Forças Armadas argentinas, o que demonstra, de certo modo, seu grande poder de influência também no meio militar.

2. Pablo VI será continuador de la empresa de Juan XXIII – así se desprende de los conceptos suyos emitido en diversas alocuciones y cartas pastorales)

Tendo como parâmetro essas palavras iniciais, é possível apresentar o principal objetivo deste artigo, qual seja, analisar as representações anticomunistas católicas⁴ que foram dadas a ler nas imprensas de Buenos Aires e de Porto Alegre no contexto da década de 1960, que abrange, pelo menos, dois grandes processos demarcadores de posições para o mundo dos católicos: os golpes militares (1964 no Brasil e 1966 na Argentina) e a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965)⁵. Por um lado, o artigo pretende demonstrar, através das representações, a forma como o comunismo foi apropriado pelos católicos e como estes impuseram caracterizações do que era ser um *comunista*, quais os perigos que representam e como serem identificados. Por outro lado, buscar-se-á identificar, também a partir das representações, a forma como os discursos dos católicos caracterizaram como deveria ser e agir um *anticomunista*, ou seja, quais atributos ou práticas deveriam ser possuídos para opor e qual a melhor forma de combater os inimigos.⁶

2- O (suposto) poder dos comunistas

Uma das formas com que os católicos deram a entender sobre onde poderia residir a eficácia da infiltração comunista foi através daquilo que consideravam como propaganda ideológica, que, quando difundida, poderia obter êxito em conquistar os corações e mentes das pessoas. O poder de convencimento dos comunistas contrastava

⁴ O conceito de anticomunismo abordado pela historiografia (MOTTA, 2002; RODEGHERO, 2003) foi ancorado predominantemente na perspectiva de Bonet (2000) que colocou a possibilidade de visualizá-lo enquanto um conjunto de ideias, de representações (CHARTIER, 1998; 2002) e de práticas de oposição sistemática ao comunismo. Para além disso, o anticomunismo tratava de um “conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista.” (RODEGHERO, 2002, p. 464). Entretanto, neste artigo, serão agregados outros elementos complementares a esta definição. A pesquisa empreendida no Mestrado (BETT, 2010) possibilitou perceber que *anticomunismo* não trata apenas de uma oposição sistemática ao *comunismo* - neste formato pronto, estabelecido, congelado e total - mas o procedimento necessário consistiu em visualizá-lo nas constantes redefinições, fabricações e reinvenções. Em uma palavra, e considerando os aportes teóricos das perspectivas de Baczko (1985) e Foucault (1971; 1972), o comunismo foi inventado e reinventado pelos discursos dos católicos (aqui, especificamente, com ampla contribuição da imprensa) que percebiam (ou acreditavam perceber), no contexto político e social percorrido pela pesquisa, a sua “periculosidade” e necessitavam mobilizar a sociedade para enfrentar a sua “propagação”.

⁵ Sobre o anticomunismo católico advindo das questões suscitadas pela realização do Concílio Vaticano II ver Bett (2011b).

⁶ O presente artigo é uma adaptação e revisão de parte do 1º capítulo da dissertação de Mestrado intitulada “A (RE) invenção do comunismo: Discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos Golpes Militares de 1964 e 1966”, defendida no PPGH da Unisinos, no ano de 2010.”)

com a fragilidade de suas vítimas, conforme o exemplo na manifestação de D. Vicente Scherer, Arcebispo metropolitano de Porto Alegre à época⁷:

[...] a propaganda organizada, sutil e incessante que no Brasil e no mundo inteiro se faz da interpretação dos acontecimentos na política nacional e internacional segundo os interesses do comunismo russo, desorienta facilmente também pessoas honestas, más prevenidas. (DN, 30 jan. 62, p. 4. Em causa própria)

A propaganda comunista foi representada como uma “máquina publicitária”, com a qualidade de ser uma “arma poderosa” para colocar em prática a sua principal habilidade, qual seja, “confundir os espíritos, quebrar resistências psicológicas e nivelar o caminho para a dominação política e militar”. A presença do “inimigo” poderia estar em toda a parte muito em função da “propaganda solerte”, e por isso exigiria da população “aço vigilante e decidida dos valores essenciais à vida humana” (DN, 30 jan. 62, p. 4). Neste sentido, não foi à toa que D. Vicente Scherer na sua alocução de final de ano (1963), convidou seu leitor a realizar uma “reflexão séria sôbre outra ordem de assuntos, de importância sem dúvida mais alta, tanto de caráter pessoal como de âmbito universal”. Dentre os assuntos considerados por ele “problemas fundamentais da nação” como as greves “articuladas por cúpulas interesseiras”, estava a “propaganda comunista” em solo brasileiro: “apesar de choques armados num e outro ponto do globo, não obstante revoluções e a continuação ostensiva da propaganda do comunismo para o assalto ao poder também em nosso país” (CP, 31 dez. 63, p. 13. O ano que finda confirmou o desejo humano de convivência universal).

Outro fator a ser considerado na análise coincide em buscar perceber a forma como os católicos transmitiram aos seus leitores a dimensão do perigo comunista. De forma geral, as palavras de D. Antônio Caggiano indicavam que o comunismo era o “más grave peligro que la humanidad haya encontrado jamás en su camino” (LN, 2 maio 63, p. 8. El 1º de mayo ya no es día de enfrentamientos). Mais grave perigo porque, justamente, o seu principal objetivo era, de acordo com D. Vicente, “estabelecer o regime marxista em todos os países do mundo. Esta tendência está contida no próprio cerne doutrinário do sistema” (CP, 6 ago. 63, p. 13. Como poderemos estender a mão

⁷ D. Vicente Scherer escrevia, nos dois principais jornais de Porto Alegre, a coluna denominada “Alocuções Semanais do Arcebispo Metropolitano D. Vicente Scherer”, a qual passou a ser publicada a partir de junho de 1961. Essas alocuções eram transmitidas todas as segundas-feiras pelo programa radiofônico chamado “A Voz do Pastor” e transcritas, no dia seguinte, nos jornais porto-alegrenses. (BETT, 2010).

aos comunistas). Para a concretização deste plano era preciso estabelecer alianças com outras frentes, as quais devem ser entendidas como os locais preferidos para a infiltração: “em todo o mundo, os adeptos do comunismo procuram aliados e auxiliares nos setores de influência política, religiosa e econômica e em todas as classes da coletividade social” (CP, 6 ago. 63, p. 13).

Era preciso temer ao comunismo e aos comunistas. Para o padre Pierre Bigo⁸, no comunismo, o homem perde a noção entre os critérios de bem e mal e submete-se única e exclusivamente à luta de classe e à revolução. Segundo o religioso, a maior periculosidade do comunismo é quando este deixa de se apoiar em questões teóricas, e passa à prática efetiva, daí o motivo enfatizado em seu alerta, pois o comunismo, na sua visão, “torna-se ainda mais perigoso para aqueles que não têm absoluta segurança de suas convicções, mesmo sendo cristãos” (CP, 26 set. 63, p. 4. Comunismo mais perigoso quando deixa dogmatismo). O perigo de sua infiltração era diretamente relacionado com o alto nível de eficiência na forma como persuadia suas vítimas e na forma como combatia aos seus inimigos para a consecução de seus objetivos, conforme denunciou o artigo do jornal *Osservatore Romano* publicado na capa do CP:

[...] a primeira característica do comunismo militante é o ativismo de seus membros, sua impermeabilidade à propaganda dos outros, a ‘fidelidade’ que resiste, no seio do partido, a tôdas as contradições, a capacidade de disciplina e de sacrifício que distingue seus prosélitos. (CP, 8 set. 63, p. 1. “Osservatore” também denuncia em artigo o perigo comunista)

Com este mesmo raciocínio, superdimensionando o poder dos comunistas, D. Jaime de Barros Câmara⁹ escreveu sobre dois temas caros à instituição católica à época: a legalização do Partido Comunista e o reatamento das relações diplomáticas por parte do governo brasileiro com a União Soviética. Manifestou sua preocupação especificamente em função de duas variáveis, uma com relação às dimensões do país e

⁸ Segundo a reportagem publicada no CP, tratou-se do diretor do jornal “action populaire” e que esteve no Brasil para transmitir uma palestra na PUC do Rio de Janeiro sobre “a natureza do comunismo, do seu perigo e da vigilância que os católicos devem manter em face da penetração vermelha” (CP, 26 set. 63, p. 4). Tão importante quanto acreditar na veracidade das informações, ou seja, de que o padre efetivamente faria uma palestra sobre o comunismo na PUC do Rio de Janeiro, e que esta palestra foi patrocinada pelo atrativo do seu conteúdo, também deve-se levar em conta, especificamente a partir da notícia publicada na página do CP, a “mensagem” que diz indiretamente: “sim, precisamos divulgar que existe um saber sobre o comunismo, que existem especialistas que podem esclarecer nossas dúvidas, e que o perigo existe e devemos estar em constante estado de alerta”

⁹ Cabe destacar que D. Jaime Câmara era arcebispo do então Estado da Guanabara. Configurou-se como uma das principais vozes da luta contra o comunismo no Brasil, tendo as suas manifestações repercutidas, inclusive, em periódicos porto-alegrenses. Assim como no caso do arcebispo D. Vicente Scherer e as suas alocações semanais, D. Jaime teve à sua disposição um mesmo canal de comunicação, ou seja, um programa radiofônico, em que viabilizava a difusão de suas ideias. Ver Bett (2010)

outra com relação à força que acreditava que os comunistas eram possuidores: “Quem poderia controlar num Brasil tão extenso, a propaganda levada a efeito por tantos agentes bem adestrados tecnicamente distribuídos pelos numerosos consulados em todo o território nacional?”, perguntou D. Jaime. Na sua concepção, para existir consulados comunistas no Brasil, era essencial um melhor policiamento e leis de repressão contra o comunismo, uma vez que, argumentou, “mesmo sem as relações diplomáticas, já é tão grande a infiltração comunista, no Brasil muito mais o seria com imunidades oficiais, sob as quais se acobertariam seus espiões” (DN, 19 out. 61, p. 1. Igreja contra reatamento com a URSS e a legalização do PC).

É possível perceber que, no contexto da década de 1960, o entendimento, por parte dos católicos, de que o denominado “materialismo ateu”, cada vez mais estaria ganhando espaço nas adesões ideológicas, acabou sendo percebido como um dos principais “facilitadores” da infiltração comunista. A “culpa” por esta difusão, geralmente recaía na supressão de resistências da doutrina católica em função do consumo de livros e revistas inadequados, dos meios de comunicação e dos prestígios científicos, os quais estariam “logrado incorporar a la mentalidad contemporánea materialista, substituyendo y deformando los conceptos cristianos”¹⁰. Pode-se explicar esse ataque incisivo ao “materialismo ateu” através do próprio binômio, que, em si, carrega uma pesada carga opositiva em relação aos ideais católicos. Quer dizer, confronta-se materialismo versus o espiritualismo católico e ateísmo *versus* cristianismo. Ao se referir sobre o materialismo, D. Caggiano colocou em perspectiva este aspecto: “há avasallado naciones y las a sometido al régimen totalitario y en todas las demás está infiltrado e conduce una lucha para dominar las inteligencias, desterrando toda concepción espiritualista del mundo” (CL, 28 mar. 64, p. 8 e 9. Caggiano: Advirtió que el deber de convivencia cristiana no debe contribuir a la penetración de las ideologías Marxistas). Já em outra oportunidade, também se manifestou neste mesmo sentido: “dos grandes males que corroen y destruyen el ordenamiento moral y amenazan llevar la sociedad a la ruina son el ateísmo teórico de los materialistas y el ateísmo práctico de muchos cristianos” (LN, 2 maio 63, p. 8. El 1º de mayo ya no es día de enfrentamientos).

¹⁰ Carla Rodeghero (2003) trabalhou com a hipótese que relaciona o anticomunismo católico e a luta da Igreja contra o laicismo e a secularização. Daí a ampla utilização por parte dos católicos das expressões “materialismo”, “ateísmo”, “laicismo”, etc.

Com relação ao primeiro dos “grandes males”, o “ateísmo teórico dos materialistas”, é possível visualizar, inicialmente, dois importantes aspectos que sobressaem da análise de seu texto. Primeiramente, aquilo que pode ser considerado como uma denúncia, especialmente do modo como percebia a realidade da Argentina naqueles tempos: “Es un hecho innegable y doloroso. El ateísmo se enseña en nuestras universidades y hasta en nuestras escuelas. Es siembra siniestra que germinas siempre en las conciencias, llevándolas al desorden moral, perturbando la sociedad familiar” (LN, 2 maio 63, p. 8). A seu ver, portanto o segundo aspecto, o ateísmo, ou melhor, a sua ampla difusão na sociedade, poderia levar “a implantar en la sociedad civil la tiranía del peor de los totalitarismos que es el comunismo” (LN, 2 maio 63, p. 8). Fica evidente, então, a associação e a relação direta entre ateísmo e perigo comunista, como sendo coisas complementares.

Em outra passagem, o cardeal deu a entender que a Argentina poderia ser um exemplo aos demais países da América, justamente por enfatizar que o seu país era essencialmente voltado para as concepções de vida ocidental e cristã, portanto, contrário às concepções atea e oriental dos comunistas, em que somente a democracia deveria ser aceita enquanto sistema político:

Tenemos un compromiso de honor e un deber de solidaridad fraternal con América [...] debemos demostrar que, en el régimen democrático que afirma, respecta y defiende la dignidad humana [...] se puede crear un ambiente de bienestar general en el orden, la justicia y el amor. (LR, 13 out. 63, p. 1. La Argentina, esperanza de América)

Entendia também que a Argentina era possuidora da “riqueza que puede ambicionar un pueblo”, e que tal distinção seria obra “del Creador”. Daí que defendeu a ideia de que o país devesse fazer jus às prerrogativas divinas, como também, defendeu a ideia de que também a América esperava que o país, através dos seus governantes e de sua população, fizesse jus, especialmente no que diz respeito a uma “contribución más efectiva y eficaz para disipar y ahuyentar las tormentas de la revolución materialista e atea” (LR, 13 out. 63, p. 1).

O pronunciamento do arcebispo D. Vicente Scherer em que fez referência às manifestações e repercussões por ocasião da realização, em Porto Alegre, da “Cruzada pelo Rosário em Família”¹¹, é significativo para se pensar sobre os embates entre grupos

¹¹ Liderada pelo padre Patrick Payton, as Cruzadas foram eventos realizados por todo o Brasil, especialmente no interregno de 1962 a 1964. Ganham um amplo apoio do catolicismo nacional e de

ideologicamente distintos ou opostos e como isso incidiu na representação que o católico promoveu acerca dos seus “adversários”. Inicialmente, o Arcebispo deixou explícitos a confirmação do seu apoio, aceitação e contentamento em relação à cruzada: “A cruzada do Rosário conseguiu êxito almejado. Reza-se agora mais em Porto Alegre. Deus é mais reconhecido e invocado” (CP, 31 dez. 63, p. 13). Entretanto, a sua manifestação não traz tão somente argumentações da ordem “espiritual”. É possível perceber, também, uma argumentação que se concentra em evidenciar a importância das questões metafísicas sobre as questões materiais. Deste modo, pode-se concluir que a sua “resposta” não foi simplesmente palavras soltas e dispersas no discurso, não foi em vão, nem ao acaso, mas sim, pareceu apontar para um direcionamento: “A promoção do Rosário também recebeu críticas. Disseram ou escreveram que a concentração de encerramento não faria aparecer o pão em cima da mesa de ninguém” (CP, 31 dez. 63, p. 13). E quem seriam os responsáveis pelas críticas mencionadas por D. Vicente? A resposta a esta pergunta, pode ser encontrada na sequência de seu texto:

Os amplos movimentos e as fecundas real seções pelo bem comum obedecem à inspiração de consciência cristã. O ateísmo militante, ao contrário, nota essencial da doutrina marxista, tem caráter negativo e liberta nos homens as forças instintivas, essencialmente egocêntricas e anti-sociais. (CP, 31 dez. 63, p. 13)

É importante deixar claro que, mesmo que se tenha identificado, neste discurso, os possíveis alvos da manifestação do arcebispo, não significa necessariamente que existiam grupos realmente marxistas e que estes haviam criticado a realização da Cruzada. Mas também, obviamente, esta hipótese não pode ser descartada. Contudo, o que também deve ser levado em conta é a forma como o arcebispo percebia a realidade daquele cenário e a forma como a reproduziu e a reinventou a partir das suas palavras impressas nos jornais. Os grupos ou sujeitos que criticaram a realização da cruzada poderiam não ser adeptos do marxismo ou ateísmo, mas assim foram representados pelo arcebispo. A partir do momento que se opuseram a uma “obra do bem”, foi necessário mais que simplesmente disparar críticas contra eles, ou rebater as suas acusações,

grupos conservadores em geral. A historiografia mostra que a realização das cruzadas no Brasil foi incentivada pelo arcebispo fluminense D. Jaime, e que podem ser consideradas como uma espécie de ensaio para a mobilização anticomunista que iria irromper meses depois, na realização das “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”, realizadas no contexto da deposição de João Goulart. Sobre as “Cruzadas” ver em Bett (2010) e DOCKHORN (2002).

também foi preciso desqualificá-los na caracterização imposta, especialmente, a partir do “mal” que seriam causadores.

Os católicos acreditavam que a difusão do materialismo ateu na sociedade era de caráter intencional, e fazia parte dos objetivos comunistas em provocar um grau de desordem necessário para fomentar a luta de classes e a conseqüente implantação do seu sistema, em outros termos, fazer a revolução:

[...] agrava esta posibilidad la insidia organizada por el materialismo ateo que intenta provocarla a toda costa, para llegar a la revolución social y por ella a la implantación de su sistema [...] este intento es la finalidad suprema e inmediata de una doctrina que necesariamente lleva al totalitarismo más cruel e inhumano que haya asolado a la humanidad nesta huera. (CL, 2 maio 64, p. 10 e 11. Caggiano: la violencia jamás nos Llevará a la solución Humana de los Problemas del Trabajo)

Por isso, adotar a postura de neutralidade significaria abrir as portas ao comunismo, fortalecendo a “ação proselitista dos doutrinadores e agitadores marxistas [...]” fazia parte do jogo político da Rússia, segundo D. Vicente. Para o sacerdote, o interesse em fomentar a neutralidade era exclusivo dos comunistas, pois, na sua visão, era deste modo que a Rússia intensificava a propaganda e construía a base de agressão ideológica, com o objetivo de “transformar tais países (neutros) possivelmente sem guerra, de neutralistas a comunistas” (CP, 5 mar. 63, p. 13).

Os católicos não escondiam a insatisfação acerca de uma possível posição neutra frente aos dois blocos (EUA e URSS) que se defrontavam no mundo: um inspirado em “dogmas comunistas” e o outro baseado “nas leis de democracia e nos anseios de liberdade próprios da alma humana”. Na passagem seguinte, a opinião do arcebispo de Porto Alegre com relação à temática ficou ainda mais explícita, além de ter feito menção às práticas comunistas em solo brasileiro, o que pode ser indicativo de que boa parte da sua construção argumentativa se baseava na realidade (ou aquilo que acreditava ser real) local: “seria suicídio manter neutralidade diante da doutrina, da política e da ação do comunismo no mundo e em nosso país, seria adotar a política do avestruz diante da desgraça que já se abateu sobre Cuba” (CP, 5 mar. 63, p. 13).

Defendiam os católicos o argumento de que, uma vez instalado o regime comunista, ele mostraria a sua verdadeira face, caracterizada, de acordo com Caggiano, por “sus entrañas la injusticia, la falta de respecto a la persona humana y la supresión de las libertades, siendo el camino más corto el totalitarismo” (CL, 2 maio 64, p. 11). Para D. Vicente Scherer, que admitiu ser um leitor assíduo de “escritos de propaganda

comunista, não por gosto evidentemente, mas por dever de ofício”, portanto um sujeito com “autoridade” (grifos nossos) para falar sobre o assunto, o comunismo “controla rigorosamente as manifestações mais íntimas e confidenciais [...] está supressa toda a liberdade de expressão do pensamento” (DN, 30 jan. 62, p. 4).

Cabe destacar que a associação entre comunismo e totalitarismo, como sendo duas faces da mesma moeda, também foi um dos artifícios utilizados pelos católicos em promover uma visão negativa dos ideais comunistas. Desse modo, o totalitarismo materialista e ateu, portanto, o totalitarismo comunista, em diversas passagens, recebeu caracterizações intrínsecas de animais, com o propósito de redimensionar o efeito a ser atingido na percepção dos leitores: “más cruel y despiadado en que la prepotencia de pocos somete a la mayoría de los pueblos que cae bajo sus garras” (CL, 2 maio 64, p. 10 e 11).

3- Sobre a ação anticomunista: os verdadeiros católicos

Uma vez conhecidos e divulgados os objetivos do comunismo no mundo, os católicos anticomunistas reprovaram qualquer manifestação de simpatia para com os sujeitos como também para qualquer aspecto da doutrina comunista. Foi neste sentido que o DN deu a conhecer o manifesto construído a partir de uma reunião da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, em Belo Horizonte. O referido manifesto versou sobre os “problemas nacionais” suscitados a partir da crise da Legalidade¹², momento considerado pelos Bispos como “uma das crises político-sociais mais profundas da História” (DN, 24 dez. 61, p. 3). Em função dessa realidade, os católicos acreditavam ser necessária “uma particular atitude cristã e patriótica de reflexão e boa vontade, para vivermos de novo, e o quanto antes, o ritmo sadio e normal de nossa vida, de nação democraticamente amadurecida”. Essa preconização da forma como os católicos deveriam agir, naquele momento, ganha sentido quando ficou estabelecido que “só uma minoria impatriótica ou inconsciente pode sonhar com êle como solução para

¹² Em agosto de 1961, após o ato de renúncia do presidente Jânio Quadros, o Brasil viveu instantes conturbados de pré-guerra civil, causados pela tentativa de não permitir a ascensão de João Goulart, então vice-presidente, à Presidência. Esta manobra recebeu uma contrarresposta quando o governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, cunhado de Jango, liderou o movimento conhecido pelos estudos históricos como Legalidade. O movimento proporcionou que a Constituição fosse, em parte, cumprida. Jango assumiu a presidência, mas sem adquirir os plenos poderes de Presidente, uma vez que, através de uma emenda parlamentarista, o Congresso detinha uma maior influência nos atos governamentais. Mesmo assim, a ascensão de Goulart ao poder foi um divisor de águas nos confrontos políticos da época, à medida que, ao mesmo tempo em que ocasionou um fortalecimento dos setores de esquerda, permitiu uma motivação para a organização dos grupos anticomunistas (MOTTA, 2002).

os problemas que nos afligem”. Quer dizer, quem pensava no comunismo enquanto uma possível solução para as mazelas ou para os problemas sociais, especificamente enquanto uma alternativa econômica foi devidamente representado como um traidor da pátria e um sujeito desprovido de razão.

Dois foram os motivos, apontados no manifesto, pelos quais o comunismo não poderia ser encarado como uma solução para os problemas do Brasil. Um que diz respeito às características próprias da doutrina marxista por preconizar o ateísmo contrapondo a concepção de vida Cristã. O outro motivo se configurou na sua incapacidade enquanto um sistema econômico:

[...] mesmo sem atentarmos para o ateísmo, que é sua viga mestra, o que por si só o torna execrável para nossa formação cristã, ninguém desconhece que o comunismo não está resolvendo absolutamente o problema econômico dos países em que foi imposto, e vai sempre adiando para mais tarde o “paraíso” prometido pelos seus profetas. (DN, 24 dez. 61, p. 3)

Nesta última citação, é possível perceber que os comunistas e o comunismo de maneira geral foram caracterizados, enquanto sujeitos e doutrina, como enganosos, que atraíam suas “presas” com propostas encantadoras (o paraíso prometido). Essas possíveis atitudes dos comunistas foram constantemente denunciadas pelos católicos. Em uma palavra, eles foram representados como persuasivos: “el, como el maligno del evangelio, sabe presentar la tentación con las apariencias deslumbrantes que ofrece el espejismo en los caminos caldeados por el sol, ofreciendo a los sedientos el agua vivificante que no existe” (CL, 2 maio 64, p. 10 e 11). Foi mais ou menos neste sentido que na alocução intitulada “Neutralismo impossível”, de março de 1963, que D. Vicente Scherer apontou a política de neutralidade como fator primordial para a deflagração das crises na Índia e em Cuba. No caso da Índia, afirmou que *Nheru*, então governador, por ter confiado na política de neutralidade, e acreditado nas promessas comunistas, acabou “atacado pelas costas e foi apelar aos países do bloco ocidental em procura de apoio e ajuda militar” (CP, 5 mar. 63, p. 13). Em outra oportunidade, o aspecto da traição foi colocado para ressaltar que os comunistas eram possuidores de “estratégias profissionais [...] abundâncias de recursos materiais” e que, assim que conquistavam o poder, se “apoderam das rédeas do movimento e eliminam os aliados na véspera”. Para ele, esta vinculação teria a significação de um “verdadeiro suicídio” (CP, 6 ago. 63, p. 13).

Esta visão de que os comunistas poderiam tomar de assalto o poder no país pode explicar, em parte, os motivos de intensa manifestação anticomunista dos católicos na imprensa. A importância que o tema “comunismo” gerou nos setores conservadores do catolicismo pode ser exemplificada na passagem a seguir, manifestada pelo arcebispo D. Vicente Scherer. Para o clérigo, o comunismo não deveria ser encarado apenas como “um tema ocioso de debates acadêmicos, como p. ex., a filosofia de Platão”, pois se tratava de “uma doutrina social revolucionária, de brutal impetuosidade, em ação e movimento em todo o mundo, também entre nós [...]” (CP, 27 ago. 63, p. 13. Aliar-se aos comunistas seria o mesmo que batalhar pela sua causa).

Ao se estabelecer como uma voz que sabia identificar o “como” da infiltração comunista, D. Vicente Scherer, conseqüentemente, também se estabelecia como uma voz legítima para dar as diretrizes e ensinamentos da forma de como se deveria evitar ou, neste caso, para reparar o mal: “os semeadores da cizânia dos erros apresentam-se numerosos e infatigáveis. A ninguém, por isso é lícito cruzar os braços para assistir impassível e diferente à evolução dos acontecimentos decisivos para o futuro” (DN, 12 dez. 61, p. 4). Quer dizer, o perigo comunista não só existia, mas ainda estaria por toda a parte, e a todos os homens “de bem” recaía a responsabilidade de procurar em qualquer ato duvidoso, qualquer ato, que por mais simples e inocente, e talvez justamente por isso, poderia indicar algum tipo de propagação das ideias marxistas na tentativa de seduzir mais vítimas. Por isso, apelou D. Vicente, “a todos corre o dever de deitar a mãos cheias, a semente de princípios salvadores, principalmente no terreno da doutrina social, para reorganizar as instituições segundo as mais profundas aspirações da alma humana” (DN, 12 dez. 61, p. 4. Dom Vicente sobre Fidel Castro e F. Julião: muito transparentes as máscaras que caíram).

A passagem a seguir, remete a uma histórica tradição das manifestações anticomunistas que se utilizaram de terminologias relacionando o comunismo ou marxismo, como se fossem doenças ou vírus, dos quais necessitariam “imunização”¹³. No caso específico desta notícia, o fator “imunológico” que Paulo VI promoveu, portanto apontando diretamente para o modo como os católicos deveriam agir, relacionou-se com uma maior difusão do catolicismo em meio aos trabalhadores: “El Papa exhortó hoy a los trabajadores cristianos a desarrollar una actividad más decidida y apostólica para inmunizar a los demás trabajadores contra las doctrinas marxistas” (CL,

¹³ Sobre este aspecto ver Dutra (1997).

22 dez. 63, p. 7. Paulo VI: Elegir Fórmulas Más humanas de auténtico Progreso Económico-Social – Inmunización Contra el Marxismo). Se, por um lado, os católicos apontam a necessidade de imunização contra o comunismo, por outro dão a este o poder de serem agentes tóxicos, e como tais, causavam problemas àqueles que eram submetidos aos seus efeitos. D. Caggiano, neste sentido, afirmou que todas as nações livres estariam submetidas pelo “vírus” do comunismo, que, a seu ver, tinha o poder de “intoxicar las almas de tal manera que las incapacita aun para defenderse ante el espectáculo aterrador de los campos de concentración, de trabajos forzados y de la pérdida de las libertades”. Contra esta “parálisis” proporcionada pela “intoxicação comunista”, somente a presença de Deus: “despertemos y reaccionemos de una vez, racional y virilmente. Enseñemos bien a conocer a Dios como Creador y Ordenador Supremo [...] si es necesario estudiemos, leamos e irradiemos el conocimiento y el amor de Dios” (LN, 2 maio 63, p. 8).

Além de evocar a presença de Deus para ajudar na luta contra o comunismo, os católicos também defenderam lutas no campo terreno. Combates que deveriam ser colocados em prática por eles mesmos:

[...] os católicos devem intervir mais ativamente em todos os domínios da vida pública [...] todo cidadão pelo menos numa contração do poder é depositário do bem público e é ainda mais pela força de expansão das suas idéias e pelo poder do exemplo. (CP, 8 set. 63, p. 1)

Nesse sentido, o que o texto em questão propôs é basicamente uma luta, na qual os católicos deveriam usar das mesmas armas dos comunistas, mas utilizando-as para o “bem”. Os católicos, portanto,

[...] não devem ceder diante de ninguém, no que se refere à capacidade de unir-se, de convencer, de organizar-se e de tomar qualquer iniciativa [...] é necessário que essa capacidade não se enfraqueça ou desapareça devido às tentações pessoais, individuais ou excêntricas. (CP, 8 set. 63, p. 1)

A luta contra o comunismo foi considerada pelos católicos como “um dever não menor”, o qual deveria se opor “com tenacidade e com coragem à ideologia marxista”, para que pudesse, de fato, obstruir todas as vias de possíveis infiltrações. O comportamento dos católicos ou dos “homens livres” perante o comunismo não poderia e não deveria mudar: “Neste campo a única atitude para um homem livre que se preza [...] é a mais severa intransigência.” Deveriam ser tão intransigentes quanto “mais

equivoca e sutil for a tática de infiltração e de conquista do comunismo” (CP, 17 set. 63, p. 13). Além disso, quanto maior a disposição prática dos comunistas, maior deveria ser o grau de vigilância por parte dos católicos, como também, uma “postura convicta”, uma vez que o comunismo representava “o movimento da paralisação social, a imobilização das forças sociais no sentido de um ‘impasse’, impedindo-nos de pensar em soluções fecundas” (CP, 26 set. 63, p. 4).

Considerações Finais

O artigo objetivou apresentar e analisar um grupo de representações anticomunistas que foram dadas a ler nas imprensas do Brasil e Argentina no marco temporal que antecedeu os golpes militares da década de 1960. Na primeira parte, o esforço analítico se concentrou em apresentar a forma como o *comunismo* foi apropriado pelos católicos, caracterizando quais os perigos que os comunistas representavam e como deveriam ser identificados. Na segunda parte, a proposta foi apresentar a forma como os discursos dos católicos caracterizaram como deveria ser e agir um “autêntico” *anticomunista*, ou seja, quais atributos ou práticas deveriam ser possuidores para opor e qual a melhor forma de combater os inimigos.

Dentro dessa proposta, foi possível concluir que os discursos anticomunistas dos católicos nas imprensas porto-alegrense e portenha buscavam perpassar, aos possíveis leitores, todo um conjunto de “verdades” (sempre pejorativas) em relação ao comunismo, as quais estiveram diretamente relacionadas com certa disposição pedagógica (ensinar, demonstrar, revelar). Nesse sentido, em última instância, os discursos trataram de revelar o comunismo em diferentes aspectos, ou seja, demonstraram ao leitor tanto as formas de reconhecer um comunista quanto se posicionar perante e a melhor maneira de combatê-lo.

Por fim, o artigo buscou ressaltar uma característica intrínseca das *representações*, qual seja, o fato da sua construção e da sua difusão estarem associadas diretamente com a forma de como a realidade estava sendo percebida, que coincidia com problemas, situações e aspirações dos grupos (católicos) que a percebiam. O artigo demonstrou que quando os católicos de ambos os países acharam necessário chamar a atenção para a infiltração comunista, por exemplo, utilizaram-se de um arcabouço de representações, sempre com o objetivo de aglutinar sujeitos, possíveis leitores que respondessem às suas visões de mundo, objetivando promover a realização de ações

concretas, práticas determinadas contra aquilo tudo que entendiam ser de “índole” comunista.

Referências

BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. In: Enciclopédia Einaudi. v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.

BETT, Ianko. **A (re)invenção do comunismo: discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966**. Dissertação (Mestrado em História), Unisinos. 2010.

_____. **Facetas do anticomunismo católico na grande imprensa de porto alegre: D. Vicente Scherer e a infiltração comunista no governo do RS (1961)**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo. 2011a.

_____. Concílio Vaticano II e o anticomunismo católico no Brasil e na Argentina. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 24, p. 1169-1196, dez. 2011b.

BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 5. ed. v. I. Brasília: UnB, 2000.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

_____. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

DOCKHORN, Gilvan Veiga. **Quando a ordem é segurança e o progresso é desenvolvimento (1964-1974)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DUTRA, Eliane Regina de F. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. Belo Horizonte: UFRJ. 1997

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Éditions Gallimard, Paris, 1971.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, Lisboa. 1972.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1945-1964**. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2003.

_____. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos estados Unidos e no Brasil nos anos da guerra fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463- 488, 2002.

Fontes de Pesquisas

Jornais de Porto Alegre: Diário de Notícia e Correio do Povo (1961 a 1964).

Jornais de Buenos Aires: La Nación, Clarín e La Razón (1963 a 1966).